

## **POR DENTRO DOS SALÕES: OS TRABALHADORES E O ASSOCIATIVISMO DANÇANTE NO RIO DE JANEIRO (1889-1917)**

**Aluno: Aline do Nascimento**

**Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira**

Entre os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os habitantes do Rio de Janeiro testemunharam um novo fenômeno: a febre dançante, que se espalhava pelos bairros pobres e subúrbios da cidade. De fato, esse momento é marcado na capital federal pela fundação de dezenas de clubes recreativos, constituídos com a finalidade de organizar festejos ligados à música e à dança. No momento em que a cidade experimentava a chegada massiva de uma grande quantidade de trabalhadores das mais diferentes localidades, que vinham se juntar a trabalhadores brancos, negros e mestiços que, vindos ou não do trabalho escravo, já compunham a classe trabalhadora local, tais clubes recreativos se converteram em espaços privilegiados de construção e articulação de novas identidades. Destes, aqueles destinados à dança e à música vieram a se constituir nos mais procurados por esses trabalhadores, viabilizando um processo de fortalecimento de laços associativos e identitários que tinha por base tais atividades dançantes [PEREIRA 2006].

Embora importante na experiência desses trabalhadores, este é um fenômeno em geral ignorado pela historiografia que se entregou à tarefa de analisar o processo de constituição da classe trabalhadora em cada um dos dois países. A tentativa de explicar o processo de constituição das identidades sociais se fez neles, em geral, a partir de uma atenção especial para as associações de caráter propriamente político ou sindical. Como resultado, as análises empreendidas a respeito do processo de constituição da classe trabalhadora carioca acabaram por desconsiderar as perspectivas e costumes próprios de outros trabalhadores, em especial aquelas que fugissem dessa lógica de mobilização definida pelas teorias políticas européias. Afirmou-se assim para o caso do Rio de Janeiro um modelo de ação política que acabaria por definir, para aqueles que não o compartilhassem, uma mesma imagem de alienação e atraso, como aquela associada aos eventos dançantes.

Ainda assim, tais bailes e sociedades dançantes se transformaram na base de um processo que, nos primeiros anos do século XX, permitiram a construção de poderosas identidades entre eles. Se em geral tais identidades se manifestavam longe do mundo da política, seus resultados mais diretos podem ser atestados pela força com que se manifesta a união entre os trabalhadores nos bairros em que se mostravam mais frequentes tais atividades dançantes e carnavalescas. Investigar o sentido de tal processo da perspectiva dos trabalhadores que participava de tais eventos festivos é o objetivo desta apresentação.

A tentativa de investigação da importância que as atividades recreativas e associativas assumem para os trabalhadores do Rio de Janeiro do período depende da possibilidade de se formar, sobre elas, aquilo que o antropólogo Clifford Geertz chamou de uma “descrição densa” [GEERTZ 1978]. Adentrando o universo dos significados, trata-se de buscar uma compreensão a respeito do sentido que tais festejos, danças e músicas assumiram para os próprios sujeitos que os patrocinavam, de modo a entender como tais elementos podem ter servido de base para a constituição de identidades sociais mais amplas [THOMPSON 1998]. Longe de qualquer perspectiva universalista, busca-se com isso investigar as alternativas específicas utilizadas pelos trabalhadores cariocas para lidar com suas diferenças. Busca-se com isso compreender como os

membros dos pequenos clubes dançantes de cada localidade se relacionavam com os problemas e questões de seu próprio tempo, oferecendo para eles respostas que nos permitem entender o sentido das identidades por eles forjadas no período.

Para isso, essa apresentação recorrerá a dois tipos diversos de testemunho. De um lado, uma primeira documentação a ser analisada é aquela produzida pela imprensa. Por mais que se tenha clareza a respeito da parcialidade do relato produzido pelos grandes jornais, que estavam longe da objetividade e independência que muitas vezes tentam atribuir à sua própria atividade, a leitura da imprensa do período deixa evidente o quanto os muitos grupos de trabalhadores conseguiam também deixar marcadas, nas folhas, aspectos de sua experiência. De fato, ao acompanharem as transformações tecnológicas que iam permitindo que os jornais se tornassem nas principais cidades latino-americanas verdadeiros veículos de massa, os grandes jornais da América do Sul alcançaram no final do século XIX uma penetração nunca antes experimentada. Em vista disso, passaram a dar espaço, em suas folhas, a manifestações e práticas antes quase ausentes de seu noticiário, como as festas populares e outras práticas de trabalhadores pobres. Nesse contexto, surgem em várias folhas colunas dedicadas exclusivamente para as atividades desenvolvidas por esses pequenos clubes dançantes e carnavalescos. Guardados pela Biblioteca Nacional, os jornais e revistas publicados no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e início do XX mostram-se assim fontes de grande importância para a presente investigação.

De outro, serão também utilizados documentos que fazem parte do acervo da Repartição Central de Polícia do Distrito Federal das primeiras décadas da República, guardado pelo Arquivo Nacional. Destaca-se, nesse conjunto, o cuidadoso acompanhamento feito pela polícia em relação ao funcionamento anual de todas as sociedades e clubes recreativos da cidade. Obrigadas a apresentarem anualmente à polícia seus estatutos e seu pedido de licença, os pequenos clubes deixaram registrados, em tais documentos, aspectos inusitados e importantes de seu cotidiano. Do mesmo modo, a investigação realizada pelos inspetores de cada distrito no processo sumário que se segue ao pedido de licença apresenta, por vezes, informações de grande importância – evidenciando, por vezes, problemas relacionados à composição dos clubes, ou mesmo relatando episódios ocorridos em sua sede que impediriam a concessão da licença solicitada.

## Referências

GEERTZ, Clifford, A interpretação das culturas, Rio de Janeiro: Zahar, 1978 [1973].

PEREIRA, L. A. M. . “A Flor da União: festa e identidade nos clubes carnavalescos do Rio de Janeiro”. Terceira Margem v. 14, p. 169-179, 2006.

THOMPSON, E.P., Costumes em comum, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.